



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ALEXANDRE FIRMO DOS SANTOS

Lutero entre a política e a religião - uma análise preliminar das teses defendidas no documento *Disputatio pro declaratione virtutis indulgentiarum* (1517)

SÃO CRISTÓVÃO

2022

ALEXANDRE FIRMO DOS SANTOS

Lutero entre a política e a religião - uma análise preliminar das teses defendidas no documento *Disputatio pro declaratione virtutis indulgentiarum* (1517)

Artigo Científico entregue ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a conclusão do curso em Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Luis Eduardo Pina Lima

SÃO CRISTÓVÃO

2022

“Demore o tempo que for para decidir o que você quer da vida, e depois que decidir não recue ante nenhum pretexto, porque o mundo tentará te dissuadir”.

- Friedrich Nietzsche

Dedico este trabalho aos meus pais e irmãos por me apoiarem na vida acadêmica.

Agradecimentos

Enfim chegou o momento esperado por todo graduando: a etapa de partilhar os esforços com aqueles que, de alguma maneira, contribuíram com a minha formação. Seja com uma palavra, um gesto, um afeto o importante é que durante esta trajetória acadêmica nunca estive sozinho, por isso neste espaço que me foi reservado, agradeço primeiramente a Deus que sempre me ajudou, desde a tomada de decisões até a realização dos meus objetivos.

A princípio, não quero ser injusto com ninguém e deixar de mencionar nominalmente cada pessoa que fez parte deste árduo trajeto, cujo trabalho produzido é fruto de empenho, força de vontade e, sobretudo, de apoio por parte daqueles que nos meus momentos de incertezas mostraram-me os reais motivos para continuar tentando. Estendo esses agradecimentos aos meus pais que, com muito amor e carinho, se dedicaram e me ofereceram as melhores condições a fim de que eu alcançasse o êxito nos estudos.

Aos meus irmãos queridos, os quais fazem parte da minha vida. Principalmente, André e Josevan, pois, em nossas brincadeiras, percebi o quão importante é estar perto de quem amamos. Por vezes, as nossas descontrações arrancaram “altas” gargalhadas, que amenizavam as preocupações pertencentes às ocorrências da vida. Como é bom saber que vocês fizeram e fazem parte desta história que, enquanto eu escrevo, vai ganhando mais um capítulo.

À minha turma fantástica que possui os melhores alunos do DHI! E não estou blefando, creio muito no potencial desta galera boa. Nesta pesquisa, há um pouco de cada um de vocês, pois, se cheguei até aqui, foi muito em função do companheirismo que desenvolvemos ao longo do curso. Entre aprendizados e inspirações, vocês fizeram minhas noites mais leves, principalmente, durante nossa “estadia” na didática 5, onde pude compartilhar um pouco de mim também. Só tenho muito a agradecer a esta turma de 2018.2, a qual me surpreendeu com boas amizades, que levarei comigo para além do âmbito acadêmico!

Aos meus amigos do curso, em especial: João Pedro e Matheus Honorato que, desde o início desta trajetória, estivemos juntos, dando boas risadas antes e depois das aulas com as anedotas (humor inteligente).

À Universidade Federal de Sergipe por oportunizar estes momentos felizes em minha formação.

Aos professores do DHI, que compartilharam um pouco do que sabem comigo, através das explanações, das recomendações de livros e textos acadêmicos. Agradeço, especialmente, à professora Janaína Mello que demonstrou muita paciência em me ouvir durante as minhas

inquietações e dirimir minhas infindáveis dúvidas ao final das aulas; bem como aos professores Bruno Alvaro e Rafael Costa Prata, que puderam contribuir, da melhor forma possível, com a minha formação.

Aos meus professores da educação básica que, de certa maneira, me influenciaram em escolher a História e, conseqüentemente, a docência como parte integrante da minha vida. Aqui, menciono as professoras Maria Cleide, Lourdes e Patrícia, bem como os professores Eleomar Marques, Daniel Barros e José Marques – era surpreendente como eles conseguiam transformar a disciplina de História em uma “agência” de viagens, claro que cada um tinha o seu estilo, mas, de igual forma, eram excelentes. Foi por influência desses(as) professores (as), que estou seguindo hoje à docência, pois, mesmo com todas as suas problemáticas, há algo de belo nesta profissão.

Agradeço a professora Regiane Moura, que me supervisionou no PIBID e pôde compartilhar suas experiências da sala de aula comigo. Reforço, também, os meus agradecimentos à professora Anailza, que, durante o estágio supervisionado, confiou em mim e acreditou no meu potencial, permitindo que eu pudesse vivenciar a rotina de um docente, bem como colocar em prática todo o conhecimento aprendido no curso. Estendo também estes agradecimentos a minha querida amiga e professora Valdeir que, desde o Ensino Médio, me aconselhou e, nos momentos mais tensos, orientou-me, de tal maneira, que estou aqui produzindo este trabalho de conclusão de curso.

Quero agradecer aos meus amigos: Hugo, Aninha, Dayane, Valesca, Alisson, Marco, Sérgio, Ivete, bem como a alguns outros que me acompanham desde o Ensino Médio, visto que, de quando em quando, sempre me desejam positividade e sucesso em tudo quanto faço. Ao meu querido amigo Gilvan que desde o Ensino Fundamental, tem se mostrado um “brother” camarada e, mesmo distante, deseja toda felicidade a minha pessoa.

Aos meus familiares, parentes, de longe e de perto (a parentela é enorme, então não dá para mencionar nome por nome), mas aqui ficam os meus sinceros votos de agradecimento.

Por fim, não menos importante, ao meu orientador de pesquisa professor Luis Eduardo Pina Lima, pois sempre se mostrou muito acessível aos meus questionamentos e curiosidades. Obrigado pela paciência e dedicação com a qual provou ser um profissional sério com os compromissos firmados. Ademais, agradeço por ter aceitado orientar este trabalho que, por si só, foi um desafio que enfrentamos e vencemos juntos.

Sou fruto do ensino público e é por ele que devemos lutar, para que as gerações posteriores possam percorrer essa mesma trajetória.

Viva a escola pública!!

“[...] o justo viverá pela fé” (Romanos 1:17).

Resumo

O tema desta pesquisa é Lutero entre a política e a religião – uma análise preliminar das teses defendidas no documento *Disputatio pro declaratione virtutis indulgentiarum* (1517). O campo de estudo ao qual se encontra relacionada é a História das Religiões. O objetivo deste trabalho é analisar as bases que sustentaram o pensamento de Lutero ao defender as teses apresentadas no referido documento. Para tanto, a metodologia aplicada consistiu na revisão de literatura da referida temática, a qual foi embasada por autores como González (1995); Rops (1996); Durant (2002); Lindberg (2017); Marshall (2017). Concluiu-se, portanto, que a formação agostiniana, o ofício de teólogo e a confrontação com as condições reais enfrentadas no século XVI pela Igreja Católica, constituem as bases que sustentaram o pensamento de Lutero ao defender as 95 teses.

Palavras-chave: Martinho Lutero. Reforma Protestante. Contexto histórico. Bases teológicas. 95 teses.

Abstract

The theme of this research is Luther between politics and religion - a preliminary analysis of the theses defended in the document *Disputatio pro declaratione virtutis indulgentiarum* (1517). The field of study to which it is related is the History of Religions. The objective of this work is to analyze the bases that supported Luther's thought when defending the theses presented in the aforementioned document. To this end, the methodology applied consisted of a literature review on the subject, which was based on authors such as Gonzalez (1995); Rops (1996); Durant (2002); Lindberg (2017); Marshall (2017). It was concluded, therefore, that the Augustinian formation, the office of theologian and the confrontation with the real conditions faced in the sixteenth century by the Catholic Church, constitute the bases that supported Luther's thought when defending the 95 theses.

Keywords: Martin Luther. Protestant Reformation. Historical context. Theological foundations. 95 theses.

Sumário

1.	Introdução	9
2.	Metodologia.....	10
3.	Fundamentação teórica.	11
4.	Martinho Lutero: uma vida marcada por adversidades e fervor evangélico.	12
5.	O contexto histórico da Reforma Protestante (1517)	14
6.	As bases teológicas e doutrinárias das 95 teses.....	17
7.	Considerações Finais	20
8.	Referências	21

1. Introdução

A Reforma Protestante é entendida como um movimento de caráter religioso, mas que possui, em seus desdobramentos, nuances políticos, sociais e intelectuais. O referido processo histórico, ocorrido no século XVI, apresenta características que antecedem ao seu tempo, ou seja, possui concepções basilares fundamentadas no pensamento medieval. Evidentemente, não se deve reduzir todo um contexto a um único coeficiente, por essa razão, é necessário analisar o movimento reformista, considerando todos os elementos que o estruturam.

Seguindo essa linha de pensamento, devem-se relevar os diferentes elementos que auxiliaram na investigação mais aprofundada sobre o fato histórico ocorrido no dia 31 de outubro de 1517, no qual o monge agostiniano Martinho Lutero (1483-1546) afixou as 95 teses sobre as indulgências, originalmente conhecida como *Disputatio pro declaratione virtutis indulgentiarum*¹, na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, marcando, desse modo, o início da Reforma Protestante. Assim sendo, justifica-se o ano de 1517 como recorte temporal desta pesquisa, devido a sua relevância nesta perscrutação.

Destaca-se, portanto, que o documento histórico em questão, pode ser considerado, não só como o começo do movimento religioso, como, também, constituiu-se num divisor de águas no universo da cristandade. Nesse sentido, abre-se um caminho a ser trilhado por aqueles que não concordavam com as hipocrisias expostas pela Igreja Católica; reforçando, desse modo, a necessidade de colocar em pauta as questões doutrinárias que sustentavam a ortodoxia da época.

O trabalho foi realizado com base na revisão sistemática da bibliografia utilizando o método qualitativo, prescrutando tendências, repetições ou padrões analíticos do documento em tela. Dessa maneira, levou-se em consideração o núcleo ou a essência dos argumentos que permitiram a sua progressão (BARROS, 2005). A revisão bibliográfica realizada encontra-se direcionada a partir da análise crítica, bem como do cotejamento das obras dos seguintes autores: González (1995), Rops (1996), Chaunu (1993), Lindberg (2017) e Marshall (2017).

¹ Debate por uma declaração acerca do valor das indulgências (tradução para o português de acordo com MADUREIRA, 2017).

Diante do exposto, levanta-se a seguinte questão de pesquisa: Quais foram as bases que sustentaram o pensamento de Lutero ao defender as teses apresentadas no *Disputatio pro declaratione virtutis indulgentiarum* (1517)? A referida questão foi levantada, partindo-se da hipótese que: Se estudarmos mais detidamente as 95 teses, ponderando o contexto no qual o documento foi escrito, poderemos compreender as bases que sustentaram o pensamento de Lutero ao defender as teses apresentadas na porta da catedral de Wittenberg.

Nesse sentido, argumenta-se, preliminarmente que, as teses apresentadas estavam ligadas à formação agostiniana de Lutero, ao seu ofício de teólogo e à confrontação com as condições reais que a Igreja católica vivenciava nas primeiras décadas do século XVI.

2. Metodologia

O objetivo desta pesquisa é analisar as bases que sustentaram o pensamento de Lutero ao defender as teses apresentadas no *Disputatio pro declaratione virtutis indulgentiarum* (1517). Como objetivos específicos destacam-se: 1. Compreender os contextos político, intelectual e religioso nos quais Lutero estava inserido; 2. Problematicar o direcionamento do referido documento e 3. Investigar as bases doutrinárias e teológicas que sustentaram a argumentação de Lutero, ao redigir o documento supracitado.

Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 234), “[...] os trabalhos científicos devem ser elaborados de acordo com normas preestabelecidas [...]”, contribuindo, “[...] não só para a ampliação de conhecimentos ou a compreensão de certos problemas, mas também servirem de modelo ou oferecer subsídios para outros trabalhos”. Diante disso, este trabalho de conclusão de curso analisa as 95 teses luteranas a partir da perspectiva da História das Religiões.

É importante levar em consideração que o ato de afixar as 95 teses na porta da catedral de Wittenberg, expõe o que Leenhard (2012) denomina de “gestos” que constituem a religiosidade, o que justifica o campo ao qual este trabalho encontra-se vinculado. Ainda nas palavras do referido autor, “[...] o estudo da religiosidade não consiste, pois em glosar a fé ou a verdade da religião, porém em estudar os atos e os gestos que constituem esta religiosidade” (LEENHARD, 2012, p. 7).

Assim sendo, nesta pesquisa observaram-se as seguintes etapas metodológicas:

1ª) Apresentação do contexto político, intelectual e religioso no qual Lutero encontrava-se inserido, com o objetivo de compreender as condições reais de existência da Alemanha, na primeira metade do século XVI; 2ª) Revisão bibliográfica referente às múltiplas interpretações sobre o documento *Disputatio pro declaratione virtutis indulgentiarum* (1517), visando identificar as diferentes linhas historiográficas que dizem respeito a essa fonte; 3ª) Problematização referente às bases doutrinárias e teológicas que sustentaram a argumentação de Lutero ao escrever o referido documento, para entender as diferentes contribuições, provenientes de variados campos, que influenciaram o autor na elaboração da fonte histórica supracitada.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de caráter documental complementada por uma revisão sistemática da literatura sobre a Reforma Protestante.

3. Fundamentação Teórica

A temática trabalhada nesta pesquisa exige-nos uma ampliação de horizontes, que vai para além do campo da História, fazendo-nos dialogar com áreas afins. Isso ocorre, porque a compreensão do objeto desta pesquisa, qual seja, as 95 teses levantadas por Martinho Lutero, em 1517, solicita-nos alguns aportes tanto teológicos quanto filosófico, além de exigir uma revisão bibliográfica consistente. Diante disso, considera-se que este trabalho concatena-se com a modalidade historiográfica apresentada pela Escola dos *Annales* que, no entender de Burke (1992), aponta:

A necessidade de uma história mais abrangente e totalizante nascia do fato de que o homem se sentia como um ser cuja complexidade em sua maneira de sentir, pensar e agir, não podia reduzir-se a um pálido reflexo de jogos de poder, ou de maneiras de sentir, pensar e agir dos poderosos do momento. Fazer uma outra história, na expressão usada por Febvre, era, portanto, menos redescobrir o homem do que, enfim, descobri-lo na plenitude de suas virtualidades, que se inscreviam concretamente em suas realizações históricas (BURKE, 1992, p. 4).

Entende-se, dessa maneira, a abertura de um “leque de possibilidades” no que se refere à produção historiográfica. Salienta-se, portanto, que este trabalho solicita-nos uma perspectiva interdisciplinar, enquanto método de pesquisa. Visto que diferentes visões, tanto sobre as 95 teses quanto sobre a Reforma Protestante, são levantadas em inúmeras discussões historiográficas que se arrastam há séculos.

Nesse sentido, considera-se, portanto, que a ampliação temática dos objetos passíveis de discussão histórica pelos *Annales*, abriu espaço para questões relacionadas à fé e a doutrinas. Nesse ponto, convém lembrar, em termos de amplitude temática, a proposta do livro *Os Reis Taumaturgos*, escrito por Marc Bloch, em 1924, que estuda, na longa duração, a crença do “poder de cura” dos monarcas cristãos da Europa ocidental.

Diante do exposto, destaca-se que o tema da Reforma Protestante desponta no cenário acadêmico, apresentando-se como um amplo potencial revisionista, principalmente no que diz respeito à Historiografia sobre este movimento, principalmente, por conta da amplitude que alcançou no contexto europeu e, posteriormente, nas Américas.

Considera-se, ainda, que o próprio conceito de Reforma pode ser problematizado, como aponta Lindberg (2017), levantando a possibilidade de tal movimento ser compreendido “no plural”, ou seja, “as Reformas”. Nesse sentido, de acordo com o autor supracitado, o estudo sobre a Reforma Protestante, como foi dito anteriormente, pede-nos, necessariamente, que haja uma aproximação com a religião e a teologia. Diante disso, o método interdisciplinar, proposto por *Annales*, impõe-se como direcionamento obrigatório e necessário.

4. Martinho Lutero: uma vida marcada por adversidades e fervor evangélico

A vida de Martinho Lutero é curiosa e cheia de adversidades, que o fizeram, algumas vezes, rogar aos céus, suplicando a providência divina. Profissionalmente, Lutero tinha uma carreira jurídica que, até 1505, foi conduzida pela vontade de seu pai, Hans Lutero. No entanto, um futuro não tão distante, reservava-lhe um destino repleto de provas, cercado de peculiaridades:

Na manhã de 17 de julho de 1505, um jovem laico transpunha a porta do convento dos agostinianos de Erfurt [...]. Surdo às objeções de um círculo familiar que vislumbrava para ele, como coroamento de estudos universitários bem iniciados, alguma carreira temporal lucrativa, ia buscar naquele claustro um refúgio contra os males e perigos do século (FEBVRE, 2012, p. 25).

Certamente este caminho tomado por Lutero mudou para sempre o rumo de sua vida. Feito à revelia, contrariando as decisões e escolhas que lhe foram impostas, tal ato foi visto com olhares desconfiados pela sua família. Um jovem inquieto e atormentado

rompia as barreiras da previsibilidade, pois se esperava que, naquela fase da vida, ele aproveitasse as escassas oportunidades que o destino lhe dispensava (FEBVRE, 2012). Vale lembrar que a família de Martinho Lutero era originalmente simples, passando a ter certa ascensão econômica quando o seu pai começou a trabalhar numa mineradora. Dessa maneira, os Luteros tiveram a oportunidade de oferecer a seu filho o melhor ensino da época.

Ao longo do tempo, foram publicadas inúmeras biografias acerca da vida e da obra de Martinho Lutero. Desde a morte do referido personagem, em 1546, diferentes autores dedicaram-se a estudar o monge agostiniano, dentro das mais variadas perspectivas, inclusive pelo viés psicológico, centrando-se em aspectos, como, por exemplo, a introspecção que caracterizava a sua personalidade (FEBVRE, 2012).

Febvre (2012) declara, no prólogo de sua obra, que há uma divisão temporal na vida de Lutero, o que nos possibilita vislumbrar um panorama geral para compreendê-la, a saber: entre 1517 a 1525, observa-se um jovem obstinado a concretizar um propósito pessoal, colocando-se, portanto, no “palco do mundo”; já entre 1525 a 1546, percebe-se um indivíduo cansado e “desencantado”.

Necessário se faz dizer que Bordieu (2006), referindo-se ao que ele chama de “ilusão biográfica”, afirma que o conjunto de acontecimentos que compõe a história de um homem, por sua vez, está ligado a uma existência pautada por um conglomerado de informações que não cabe em um livro.

Ao que tudo indica, o ponto central da vida de Lutero refere-se a uma tempestade que o atingiu quando retornava de Mansfeld para Erfurt. Nesse instante, tomado pelo medo da morte, o jovem irrequietoprometeu dedicar-se à vida monástica, abandonando a secularidade (ROPS, 1996). Há controvérsias referentes a tal decisão, principalmente no que diz respeito ao seu caráter espontâneo, pois, ao que tudo indica, ela foi tomada de forma irrefletida, já que Lutero queria sair vivo daquela situação. Somam-se a tal fato, outras circunstâncias relacionadas ao referido fenômeno natural, que, talvez, impulsionaram-no a entregar-se ao divino.

Voto irrefletido, talvez, mas certamente nem um pouco espontâneo. Outros incidentes haviam precedido esse movimento de alma, incidentes cujos detalhes conhecemos mal porque foram deformados por muitas lendas, mas cujo sentido não oferece qualquer dúvida: uma grave doença durante a adolescência, a morte súbita de um amigo, um ferimento que fizera ao manejar a sua espada de estudante e que sangrara durante muito tempo, tudo isso o pusera perante uma evidência que a juventude ignora - a realidade da morte. O episódio da

tempestade veio selar essa revelação (ROPS, 1996, p. 271).

No entanto, o objetivo deste trabalho não é confrontar narrativas, mas apresentar algumas das diferentes versões existentes sobre o personagem em tela. Como, por exemplo, o que afirma Durant (2002, p. 288), ao pontuar que, “[...] havia 20 claustros em Erfurt. Escolheu um que era fiel pela observância das regras monacais – o dos Eremitas de Santo Agostinho, ou Agostinianos”. Isso explica o rigor devocional que Lutero tinha pelas coisas espirituais, bem como o seu temor e obediência à condição evangélica.

Tais ponderações tornam-se necessárias, pois o caráter religioso de Lutero está diretamente relacionado aos fundamentos mais idiossincráticos da Reforma Protestante, sobretudo, no que se refere ao universo eclesiástico da Alemanha do século XVI; haja vista que o contexto histórico em que o monge agostiniano encontrava-se inserido não pode ser desconsiderado, pois os desdobramentos desse movimento religioso estão ancorados nessa conjuntura.

5. O contexto histórico da Reforma Protestante (1517)

A Alemanha² do século XVI apresentava uma miscelânea de interesses, principalmente, políticos e religiosos. Nesse sentido, a Reforma Protestante não está desconectada do seu local de origem, pois este espaço territorial propiciava as condições necessárias para o desenvolvimento do referido movimento. Portanto, não se podem ignorar os acontecimentos que antecederam a afiação das 95 teses na porta da catedral de Wittenberg.

Para Marshall (2017, s/p), “[...] a Alemanha era uma zona bastante isenta de heresias nas décadas em torno de 1500, sem maiores desafios formais à autoridade da Igreja. O que ela tinha de próprio era sua estrutura política”. Dessa maneira, como se pode observar, é na política que se encontram respostas sobre o porquê deste movimento reformista ter ocorrido na Alemanha. Nesse sentido, o contexto político constitui-se em um dos fatores estruturantes da Reforma, já que não há como entendê-las sem levar em consideração as circunstâncias políticas que envolveram a

² Terminologia amplamente utilizada pelos teóricos que estudam a Reforma Protestante, apesar de fazerem menção à Alemanha”, mesmo assim, eles possuem plena consciência do real espaço geográfico do Sacro Império Romano Germânico. Para mais informações ver MARSHALL (2017) e ROPS (1996).

publicação das 95 teses.

Territorialmente a Alemanha do século XVI estava dividida em minúsculas regiões repletas de autonomia e poder. Em função disso, os desentendimentos eram inevitáveis. Mesmo estando sob as ordenanças do Sacro Imperador Romano que, por sua vez, estabelecia a condição de uma espécie de “suserania nominal” (MARSHALL, 2017). Embora não se possa perder de vista a religiosidade que movia os alemães do tempo de Lutero, há de ressaltar que “[...] a religião estava florescente na Alemanha, e a maioria esmagadora do povo era ortodoxa e – entre pecados e as bebidas – piedosa” (DURANT, 2002, p. 276). Segundo Durant (2002), a família alemã era extremamente religiosa, sendo que no interior desse núcleo familiar havia certa “distribuição” de funcionalidades, por exemplo, enquanto a mãe catequizava; o pai servia de padre, tornando o lar uma extensão da Igreja.

A ausência de heresias apontada por Marshall (2017) denota uma preparação do terreno para que, posteriormente, se assentassem os ideais luteranos. Tendo isso em vista, outros propósitos estavam atrelados à pungente religiosidade alemã do início do século XVI, como declara Durant (2002, p. 277-278):

[...] a Alemanha podia ter perdoado a mundanidade de seus bispos se lhe tivessem poupado as pretensões e extorsões dos papas. O crescente espírito de nacionalismo indignava-se contra as pretensões do papado em não considerar legítimo nenhum imperador até que fosse confirmado pelo papa, e depor à vontade imperadores e reis [...]. Os nobres alemães olhavam com concupiscência impaciente para as ricas possessões da Igreja, e os homens de negócios lamentavam que os mosteiros que reclamavam isenção de impostos competissem com eles na manufatura e no comércio. A essa altura a rivalidade era sobre motivos materiais, mais do que sobre diferenças teológicas.

Em torno do papado e de seus asseclas orbitavam intenções para além dos ensinamentos bíblicos explanados nas missas, isto é, interesses que uniam nobres e afastavam opositores de qualquer natureza. Desse modo, toda pessoa contrária aos proveitos projetados pela nobreza alemã ou que, de igual forma, levantasse barreiras e colocasse obstáculos aos seus planos nobiliárquicos, seriam considerados adversários e, conseqüentemente, entrariam em um conflito.

Para Lindberg (2017, p. 78), “[...] o papado se tornou nada além de uma corte renascentista italiana, e o Papa era cada vez mais visto como nada além de um príncipe italiano, cujos problemas e interesses eram, agora, locais e egoístas, em vez de universais e pastorais”; isso certamente explica a aparição de um sentimento

anticlericalista na Alemanha do século XVI. Distante da ortodoxia vigente, sobrava hipocrisia e luxúria aos clérigos que tentavam conciliar um duplo discurso, contraditório em si mesmo; pois nas missas era apregoada a doação de esmolas aos mais necessitados, enquanto que, fora dos templos, praticava-se o enriquecimento ilícito, subvertendo, dessa maneira, o próprio princípio da usura.

Com o passar do tempo, os alemães foram desenvolvendo ressentimentos contra Roma, assim como aos seus seguidores. Nesse sentido, Marshall (2017) nomeia o referido fenômeno como uma “italofobia”, em virtude da conduta dos líderes católicos, que deviam servir de exemplo.

Somado a isso, vale destacar, mais uma vez, a configuração do mundo germânico, que se encontrava repleto de contradições. Muito embora isso seja até compreensível, uma vez que a ausência de coesão entre o povo alemão deflagrava, nessas regiões, a atuação de chefes locais, que se colocavam na condição de mandatários, ordenando atribuições aos nobres, que acabavam abafando seus próprios anseios (ROPS, 1996). Percebe-se, portanto, que, desde a aparição do monge agostiniano no palco do mundo germânico, o cenário já se apresentava como caótico, como se a Alemanha fosse um leão indomável à espera de sua soltura. Mas o que a tornava prisioneira?

Certamente a Alemanha não se faria prisioneira por conta própria, pelo contrário, ela estava envolta em pactos de fidelidade, que a tornava subserviente ao papadoe, por isso, os alemães entravam constantemente em conflito com os italianos. A revolta dos germânicos era justificável, pois, enquanto de um lado havia um temor calcado numa devoção fervorosa, do outro se encontrava a imoralidade e a falta de sinceridade.

Em consonância com esta discrepância dos clérigos italianos, Lindberg (2017, p. 79) declara que “[...] quanto mais perto da cidade, piores os cristãos”. Assim sendo, reforçava-se a controvérsia na qual Roma se envolvera, pois deveria ser o centro das aspirações espirituais, e não temporais.

Lutero foi colocado diante dessa contradição, como um teólogo que se sentiu obrigado a dar um grito de misericórdia em nome de uma Alemanha inquieta, na qual proferir palavras de ordem não era suficiente (ROPS, 1996), visto que as acirradas disputas pelo poder encontravam respaldo em discursos estratégicos elaborados por representantes da nobreza. Nesse sentido, Rops (1996, p. 285) descreve aquilo que ele denomina como o “terreno de Lutero”:

[...] uma nação sem unidade, trabalhada por forças obscuras e a braços com a anarquia. Potentados locais ciosos dos seus privilégios e dispostos a tudo para não os perder. Um imperador incapaz de impor ao país uma unidade de comando e, a *fortiori*, de doutrina. Um estado social instável, onde certas idéias de liberdade, sobretudo se fossem mal interpretadas, podiam desencadear o furacão das ambições mais primárias. Um movimento intelectual em plena expansão que, sem muita consciência disso, minava as bases do edifício tradicional. E, por fim, uma latente paixão nacionalista que, no seu ódio a Roma, aparentemente justificado por tantos excessos, podia sem maiores dificuldades encontrar ocasião de materializar-se.

No seio deste “terreno” descrito pelo autor, pode-se notar uma espécie de elemento aglutinador, isto é, de algo que uniu os germânicos em prol de um objetivo comum, fazendo com que, por algum momento, os alemães deixassem suas indiferenças de lado e cerrassem fileiras contra as ameaças externas. Percebe-se que a crença aflorou mecanismos que fortaleceram o referido povo

Sendo assim, constata-se que essa religiosidade, impregnada na Alemanha do século XVI, continha resquícios do final da Idade Média, visto que a concepção agostiniana de *corpus Christianum* se esfacelava (LINDBERG, 2017). A prova cabal de tudo isso se encontra na atitude da própria Alemanha que, por meio da oposição à deslealdade da Igreja católica da época, procede à “quebra” deste *corpus*.

No entendimento de Chaunu (1993), a Reforma Protestante foi um movimento religioso cujo objetivo era “reparar” uma Igreja unificadora de homens sob uma mesma ordenança, mas este ideal esbarrava na já supracitada divisão da cristandade. Perante tal cisão, projeta-se o contexto em que Lutero ousou enfrentar a má conduta eclesiástica da igreja romana, em nome do resgate do Evangelho.

6. As bases teológicas e doutrinárias das 95 teses

Martinho Lutero, como se sabe, era teólogo de formação, cuja produção intelectual foi fruto do seu tempo. Vivendo no final do período medieval, muitas das concepções desta época foram “transportadas” para a modernidade que estava às portas e, com essa modificação, “[...] certos valores e certezas tradicionais estavam sendo atacados, enquanto outros ainda não haviam sido encontrados” (LINDBERG, 2017, p. 50). O contexto era repleto de mudanças e transformações, sobretudo, no campo do conhecimento.

Lutero não era um revolucionário social. Sua “liberdade” era a libertação da consciência cristã das regras e dos rituais espiritualmente opressores do catolicismo tardomedieval, não havia uma renegociação dos laços políticos e econômicos que estruturavam a sociedade. Mas o que se prega nem sempre é o que se ouve (MARSHALL, 2017, s/p).

Algumas vezes, os discursos de Lutero não eram recebidos com a mesma efusividade com a qual eram escritos. Isso nos leva a questionar: que tipo de “consciência cristã” era essa mencionada pelo autor? Na Idade Média, durante muito tempo, acreditava-se na ideia de que a Igreja deveria seguir a concepção através da qual todos os cristãos faziam parte do corpo de Cristo. Em meio às denúncias e condutas errantes por parte de alguns sacerdotes, se sobressai a questão salvífica, já que, ao menos doutrinariamente, os cristãos deveriam almejar ao céu mais do que às riquezas terrenas, contudo, não abriam mão de uma vida repleta de conforto e benesses que a imanência oferecia.

Para Marshall (2017, s/p), “[...] o catalisador foram os textos bíblicos de São Paulo, em particular sua declaração de que ‘o justo viverá pela fé’ (Romanos 1:17)”, estes dizeres compuseram o que mais tarde seria a base teológica de Lutero. Atrelada a esta concepção, pode-se destacar, mais uma vez, o tema da salvação, pois a discussão sobre a maneira pela qual um cristão herdaria o gozo celestial era sempre levantada. Os referidos debates eram pautados por interpretações bíblicas diferentes, através das quais, de um lado havia o entendimento de que a salvação era obtida pelas obras; enquanto do outro a salvação era alcançada mediante a fé, por meio da qual os cristãos seriam justificados.

O medo de pecar contra Deus fazia de Lutero um devoto, pois ele, assim como qualquer outro dissidente, temia as punições divinas, pois acreditava na ausência da justificação. Nesse sentido, comungava com a ideia de pecado defendida por Santo Agostinho (354 – 430). Lutero acreditava que qualquer pensamento impuro ou algo que viesse a tirar-lhe o foco dessa busca incansável em obter a misericórdia divina, devia ser tratado como um sinal de alerta. Desse modo, mesmo que estivesse muito convicto da condenação, ele preferiu persistir em suas ideias (ROPS, 1997). Todo esse temor tinha explicação, já que Lutero fazia parte do convento dos agostinianos, que eram muito exigentes e rígidos, ou melhor, seguiam o magistério da igreja católica dentro da mais restrita tradição.

Para Lutero, obcecado pelo desejo de apaziguar o Deus terrível e que não experimentava o menor alívio com as suas preces e mortificações, havia uma doutrina que lhe oferecia uma espécie de resposta: o nominalismo de Ockham [...]. Nos livros dessa tendência, lera ele que o homem só pode vencer o pecado pela vontade, mas lera também que todo o ato humano só se torna meritório se Deus o aceitar e o quiser como tal (ROPS, 1997, p. 275).

Esta concepção apresentada pelo autor está ligada à ideia do pecado e de como vencê-lo. Tendo isso em vista, o monge agostiniano, enquanto um teólogo que lançava mão dos melhores pensadores do seu tempo, observou que, a vontade própria do homem, até poderia ser uma resposta plausível para se obter o perdão. Mas, se ela estivesse ausente, como o indivíduo poderia consegui-lo? Questões como essa permeavam o ideário de Lutero que, em sua formação, leu textos clássicos e sempre ia descobrindo novos ensinamentos, razão pela qual alguns estudiosos dividem a sua produção intelectual em fases.

Alguns outros detalhes que fundamentavam as bases teológicas de Lutero referiam-se a proposta dualista encontrada em Santo Agostinho que, por sua vez, tem origem em Platão (428 a.C. – 347 a.C.). Ainda dentro desta perspectiva dualista, pode-se notar uma distinção entre o “governo espiritual” e o “governo terreno” da sociedade, mediante a qual, ambos os governos têm o aval divino, não obstante, no caso do terreno, tal governo não teria autoridade no que tange a questão doutrinária (MCGRATH, 2014).

Deve-se levar em consideração, também, o tema do livre-arbítrio, que ganhou contornos decisivos, pelo fato de que havia objeções da parte de outros teólogos do seu tempo. Nesse sentido, para ficar em apenas um nome de grande expressão, destaca-se Erasmo de Roterdã (1466 – 1536).

Lutero reconhece que sua posição agostiniana a respeito do relacionamento entre igreja e sociedade implica haver “excrementos de ratos entre os grãos de pimenta, erva daninha no meio do grão”: em outras palavras, o bom e o mal coexistem tanto na igreja quanto na sociedade. Isso não quer dizer que “bem” e “mal” não possam ser distinguidos: é simplesmente reconhecer, com o pragmatismo pelo qual Lutero é conhecido, que não podem ser isolados. O bem pode ser governado pelo Espírito, mas o mal precisa ser governado pela espada (MCGRATH, 2014, p. 244).

Essas concepções foram “transportadas” para as 95 teses, sobretudo no que se refere às leituras das cartas paulinas e dos textos de Santo Agostinho, que serviram de base para sustentar as rigorosas críticas feitas por Lutero aos problemas que assolavam a

Igreja. A dualidade e a noção de pecado abriram novos horizontes para este monge agostiniano, porém foram as cartas paulinas que prepararam o “ambiente” propício para suas descobertas pessoais que, mais adiante, seriam reconhecidas e difundidas por seus seguidores como fazendo parte de uma doutrina. Assim sendo, pode-se afirmar que a influência sob Lutero é do tamanho da sua vontade de compreender e alcançar a justificação divina.

7. Considerações Finais

A Reforma Protestante é um tema que suscita debates, o que desperta interesses. Lacunas ainda precisam ser preenchidas, já que a historiografia sobre a Reforma não conseguiu abarcar todas as problemáticas originadas ao longo do tempo. Mesmo assim, a referida temática carece de investigações mais específicas, pois, o que se encontra nos acervos físicos ou repositórios institucionais *online* são trabalhos que não tomam o *Disputatio* como o principal objeto de estudo. Nesse sentido, pode-se considerar que, mesmo que seja um assunto predominante; observa-se que o movimento reformador é tratado em segundo plano.

Cumprido, ainda, fazer algumas sugestões temáticas para aqueles pesquisadores que se interessarem em estudar as 95 teses, a saber: aprofundar os aspectos políticos envolvendo o contexto da Reforma Protestante, bem como concentrar os estudos no âmbito social do movimento reformista, pois este ainda tem muitas informações a oferecer.

A relevância acadêmica desta investigação reside no fato de abordar cientificamente um tema religioso tão escassamente problematizado como este, que se estende para outras áreas do conhecimento, sobretudo, às ciências da religião. No que se refere à relevância social, destaca-se a importância que estudos como estes podem ter sobre a popularização do saber científico a respeito da Reforma, principalmente em um contexto de ploriferação de diferentes correntes evangélicas, que muito pouco, ou nada, conhecem sobre os fundamentos históricos e doutrinários de sua religião.

Ao concluir este trabalho, constata-se que as teses defendidas por Lutero estavam alicerçadas no pensamento medieval, que se encontrava transversalizado por um emaranhado de doutrinas e ensinamentos, rigidamente guiados pela fé e pela devoção católica. Constata-se, ainda, que nesse horizonte de modernidade, “emergiu” um monge agostiniano que, depois de passar por muitas provações, compreendeu,

através de sua crença que, muito provavelmente, “o seu destino já estava traçado pelo divino”.

Assim sendo, constatou-se que o referido movimento religioso apresentou, também, um caráter político, dado à condição social dos indivíduos que apoiaram o “Caso Lutero”; bem como daqueles que se opunham a ele, transformando a Reforma Protestante numa espécie de “jogo de interesses”.

Constata-se, ainda, através desta revisão bibliográfica, que as influências que permearam Lutero e as 95 teses foram, sobretudo, a teologia agostiniana e as cartas paulinas. Indubitavelmente, estas foram as bases fundamentais para a “construção doutrinária” deste reformador, colocando-o na condição de um “herege”, que reivindicava mudanças e reparos na cristandade.

Constata-se, também, que o contexto no qual Lutero esteve imerso foi assaz importante para o que o referido movimento começasse na região da Alemanha, que fazia parte do Sacro Império Romano-Germânico, visto que na referida região concatenavam-se elementos cruciais para a eclosão de uma contestação reformista de tamanha invergadura.

Por fim, conclui-se que a formação agostiniana, o ofício de teólogo e a confrontação com as condições reais que a Igreja católica enfrentava na segunda década do século XVI, constituem as bases que sustentaram o pensamento de Lutero ao apresentar as teses defendidas no documento *Disputatio pro declaratione virtutis indulgentiarum* (1517); corroborando, dessa forma, para a confirmação da hipótese levantada nesta investigação.

8. Referências

BARROS, José D’Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História:** da escolha do tema ao quadro teórico. 2 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida de João Ferreira de Almeida. 3ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. FERREIRA, Marieta de Moraes;

AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, pp. 183-192.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia**: a Escola dos Annales (1929-1989). Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1992.

CHAUNU, Pierre. **O tempo das Reformas** (1250-1550). A crise da Cristandade. Trad. Cristina Diamantino. Lisboa. Edições 70. 1993.

DURANT, Will. **História da Civilização**. Tradução Mamede de Souza Freitas. 6ª Parte, A Reforma. São Paulo: Editora Record, 2002.

GONZÁLEZ, Justo L. A era dos Reformadores. In: GONZÁLEZ, Justo L. **E até os confins da Terra**: uma história ilustrada do Cristianismo. Tradução de Itamir N. de Sousa, v. 06. São Paulo: Vida Nova, 1995.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEENHARD, Jacques. Caminhos teóricos para o estudo das religiões. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá-PR, v. 5, n. 14, p. 3-14, set., 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30229>. Acesso em 29 ago. 2022.

LINDBERG, Carter. **História da Reforma**. Tradução de Elissamai Bauleo. 2.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MADUREIRA, Jonas. Introdução ao pensamento de Martinho Lutero. In: LUTERO, Martinho. **Martinho Lutero**: uma coletânea de escritos. Tradução de Johannes Bergmann, Arthur Wesley Dück e Valdemar Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 9-27.

MARSHALL, Peter. **Reforma Protestante, uma breve introdução**. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2017.

MCGRATH, Alister Edgar. **O pensamento da Reforma**. Tradução de Jonathan Hack. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

ROPS, Daniel. **A Igreja da Renascença e da Reforma**. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Editora Quadrante, 1996.